

Movimentos Sociais em Rede: uma aproximação das ações sociodiscursivas do Movimento Brasil Livre

Thaiza Santos¹

120

Resumo

Considerando a interação mediada pelo computador geradora e mantenedora de relações complexas e de tipos de valores que constroem e mantêm as redes sociais na internet, proponho neste trabalho analisar como o movimento social em rede Brasil Livre se configura em suas práticas em uma sociedade brasileira cada vez mais informatizada. Ao referir-me aos movimentos sociais em rede, recorro ao conceito estudado por Castells (2013) para refletir sobre os movimentos sociais que surgem ou se desenvolvem por meio das redes digitais de comunicação. Objetivo, desta forma, desenvolver uma pesquisa reflexiva com base nos pressupostos teóricos desenvolvidos pela Análise do Discurso Crítica (ADC) sobre os novos movimentos sociais em rede, analisando e desvendando os discursos e as práticas que os sustentam na formação da identidade de seus participantes.

Palavras-chave: Movimentos Sociais em Rede; Identidades; Redes Sociais; Análise de Discurso Crítica; Discursos.

Introdução: apresentação do tema de pesquisa

Este é um trabalho que está em desenvolvimento e que integra o Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, no âmbito dos estudos sobre Linguagem e Sociedade, com foco em Discursos, Representações Sociais e Textos sob a orientação da professora Doutora Viviane Cristina Vieira. Os resultados e as análises deste estudo ainda encontram-se em andamento, porém as discussões e o tema se fazem caros aos estudos sociais.

Desta forma, considerando as Redes Sociais como parte de um crescente meio de interação social mediada pelo computador, geradora de relações complexas, proponho neste projeto de pesquisa analisar como os movimentos sociais em rede se configuram em suas práticas sociodiscursivas, analisando em especial o Movimento Brasil Livre (MBL). Dessa maneira, é importante investigar como as identidades dos

¹ Graduada em Letras pela Universidade de Brasília. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Linha de pesquisa: Linguagem e Sociedade. thaizacarvalho@hotmail.com.

participantes são construídas ou determinadas a partir de discursos e práticas que sustentam o movimento.

É importante colocarmos em foco as Redes Sociais pois elas são atualmente o grande palco onde diversas situações discursivas surgem. Recuero (2009) nos lembra o protagonismo das Redes Sociais ao falar sobre os fenômenos de difusão das informações na campanha de Barack Obama nos Estados Unidos e as mobilizações no caso das enchentes de Santa Catarina em 2008. Para ela, “essas redes conectam não apenas computadores, mas pessoas” (p.16).

121

Muitos na sociedade pós-moderna (para usar os termos de Hall, 1992) fazem parte dessas redes que funcionam como meio de interação social. Discursos sobre identidades estão cada vez mais fortemente ocupando lugar neste ambiente discursivo. Por ser acessível a grande parte da população se torna um lugar onde as pessoas se sentem livres para expressar suas opiniões e falas mais íntimas, porém não é democrático nos termos que Fairclough (2001, p. 248) usa para entender a democratização do discurso quando diz que é a “retirada de desigualdades e assimetrias dos direitos, das obrigações e do prestígio discursivo e linguístico dos grupos de pessoas”. Essas relações sociais que produzem discursos são capazes de construir identidades e ora reforçam as relações assimétricas de poder.

Viso neste trabalho analisar o MBL que surgiu por meio das Redes Sociais em dezembro de 2014, como contrário aos atos políticos vigentes, com enfoque no fim da corrupção e no *impeachment* da presidenta Dilma Rouseff. O movimento faz parte do que aqui chamo de movimentos sociais em rede, segundo a proposta de Castells (2013) para referir-se aos movimentos que surgem inicialmente por meio das redes digitais, se mantêm por meio delas e culminam nas ruas. Tais movimentos se diferem dos tradicionais movimentos sociais principalmente no que tange as suas formas de convocar e organizar pessoas. Para Ilse Scherer-Warren:

uma das diferenças está na convocatória pelas redes sociais virtuais, o que trouxe o povo para rua quase em tempo real, ampliando o número de manifestantes e os locais de protestos. Isso causou uma enorme visibilidade na mídia e o respectivo impacto político, produzindo uma resposta rápida da parte do sistema político. (SCHERER-WARREN, 2014, p. 417)

Estes movimentos são encadeados por discursos anteriores que se relacionam intimamente com eles, reforçando-os ou negando-os, ao que Fairclough (2001) chama de interdiscursividade. Castells (2013) reforça ainda que tais movimentos em rede são organizados em uma forma de contra poder e estão envolvidos em uma luta hegemônica, defendem identidades próprias de determinados grupos sociais. Nota-se que tais discursos, propagados nos meios midiáticos e nascidos nas Redes Sociais, contribuem para a construção dessas identidades. Sobre identidade Woodward

(2013) afirma que ela é relacional, e que a diferença se estabelece por marcações simbólicas relativas a outras identidades. Assim, neste trabalho a questão da identidade será de grande relevância para compreender o movimento em questão e suas implicações sociais.

Problema de pesquisa

122

Os discursos produzidos nas Redes Sociais fazem parte de um pensamento social e revelam muito sobre os valores e costumes intrínsecos da sociedade, transparecendo a natureza constitutiva do discurso.

Os movimentos sociais, em geral, apresentam uma “faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável que constitui uma hegemonia, e a articulação e a rearticulação de ordens do discurso são, conseqüentemente, um marco delimitador na luta hegemônica.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123). Desse modo, como é possível definir ou construir identidades em um ambiente assimétrico de poder, onde os discursos corroboram para a manutenção de uma hegemonia?

Esta pesquisa parte então de alguns questionamentos acerca do assunto apresentado: De que maneira o MBL, por meio das Redes Sociais e de suas práticas constrói a(s) identidade(s) de seus participantes? Como os sujeitos das práticas discursivas do movimento Brasil Livre encaram essa(s) identidade(s) e como se auto identificam? Elas são problemáticas? Em quais níveis? Qual é o papel da Rede Social nos novos movimentos sociais em rede? Seriam as Redes Sociais um novo lugar de discurso democrático?

Objetivos

Objetiva-se desenvolver uma pesquisa reflexiva com base dos pressupostos teóricos desenvolvidos pela Análise do Discurso Crítica (ADC) sobre os movimentos sociais em rede, analisando e desvendando os discursos que sustentam o MBL na formação da identidade de seus participantes. Também faz-se necessário refletir sobre as relações de interação social permeadas pelos discurso nesses movimentos, visto que a ADC “tem particular interesse na relação entre linguagem e poder” (WODAK, 2004, p. 223).

Procuo entender, com base em dados etnográficos, como os sujeitos dessas identidades se auto identificam ou encaram essa identidade imposta ou construída por discursos ideológicos e hegemônicos.

Justificativa

Este projeto justifica-se pela sua relevância social na análise de textos socialmente motivados que constroem movimentos sociais importantes para a nossa sociedade. É papel do analista do discurso investigar a dialética entre os discursos e a estrutura social, como propõe Fairclough (2001).

A escolha das Redes Sociais fundamenta-se na centralidade e no protagonismo que elas ocupam em nossa sociedade moderna, da era digital. É importante darmos atenção aos novos meios de interações sociais que utilizam a linguagem na constituição do discurso, pois esta é a tendência discursiva da sociedade que vivemos.

Pensar em como textos e discursos formam identidades e influenciam na sociedade é papel do analista do discurso, pensando de forma crítica acerca de questões fundamentais para compreensão das relações sociais, da linguagem e das práticas discursivas, que envolve questões de poder, ideologia e história, segundo Wodak (2004) os três conceitos fundamentais da ADC. A identidade para Castells (2001, *apud* Resende & Ramalho, 2011) é o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais interrelacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”. Tal análise não tem como ponto final descrever uma realidade (a identidade dos participantes do MBL), mas sim compreendê-la e destacá-la para que se possa pensar em contribuições ou soluções para as problemáticas encontradas.

Para Chouliaraki & Fairclough (1999, p. 96) o conceito de identidade e ‘self’ tendem a ser associados com um foco interacional em pessoas construindo suas individuais ou coletivas identidades no discurso. Portanto, é completamente necessário e fundamental analisar esses textos, pensando de forma crítica sobre os resultados e suas implicações.

Análise de Discurso Crítica

Este estudo busca refletir sobre as questões elucidadas nos tópicos anteriores à luz da Análise de Discurso Crítica. O termo “discurso” proposto por Fairclough que será utilizado neste trabalho propõe considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais (FAIRCLOUGH, 2001, p.90). Visto desta forma o discurso é um modo de ação, uma maneira que as pessoas podem agir sobre o mundo e, especialmente, sobre os outros e também “um modo de representação” ou seja, como um sujeito representa o mundo e outros sujeitos sociais (FAIRCLOUGH, 2001, p.91). Estas implicações serão de grande ajuda para que se torne possível delinear algumas trajetórias que este trabalho propõe seguir, a fim de analisar tanto questões externas ao texto, considerando o contexto em que o texto se encontra (sua conjuntura), suas intertextualidades e interdiscursividades quanto aquilo que está efetivamente significado.

Na concepção tridimensional do discurso é possível perceber que o texto está inserido em uma prática discursiva que envolve a “produção, distribuição e o consumo textual” (FAIRCLOUGH, 2001). Essa prática discursiva, por sua vez, está inserida na prática social, e “é constitutiva tanto de maneira convencional como

criativa: contribui para reproduzir a sociedade como é, mas também contribui para transformá-la” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92). A prática social, por sua vez, envolve os conceitos de poder, ideologia e hegemonia, surgindo então uma relação dialética entre ambas “que considera a prática e o evento contraditórios e em luta, com uma relação complexa e variável com as estruturas, as quais manifestam apenas uma fixidez temporária, parcial ou contraditória” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94). A prática discursiva relaciona-se estreitamente com a noção da construção das identidades, pois por meio da ideologia é possível que o sentido dessa prática seja firmado, reafirmado ou transformado. Essa prática engloba as relações de dominação, abrangendo a questão, por exemplo, da “inferioridade” de certos grupos sociais nos muitos discursos atuais.

A ADC se adequa nesta pesquisa tanto como método quanto como teoria, pois tem potencial para subsidiar reflexões sobre o caráter constitutivo do discurso, relacionando-se também com muitas outras áreas de teoria social (nota-se principalmente os subsídios da filosofia e da sociologia). Resende & Ramalho (2011, p. 18) referem-se a ADC “como campo de investigação do discurso em práticas contextualizadas, é heterogênea, instável e aberta”.

Como teoria a ADC é “voltada para o estudo da linguagem enquanto prática social, e pode ser definida, em um sentido amplo, como um conjunto de abordagens científicas interdisciplinares que são direcionadas para análises críticas da linguagem como prática social.” (SYLVESTRE, 2013, p. 21).

Esta linha de pesquisa também fornecerá subsídios para a compreensão do papel do gênero discursivo como diferentes maneiras de (inter)agir discursivamente, segundo a proposta de Fairclough (2003). Em seu livro *Analysing Discourse: Textual analysis for social research*, apresenta o discurso como elemento da prática social podendo configurar-se de pelo menos três diferentes maneiras: gêneros, discursos e estilos, correspondendo estes respectivamente ao modo de agir, representar e ser. Estes são considerados “elementos da ordem do discurso no nível da prática social” (p.28). Diferentemente da proposta de multifuncionalidade dos textos que Halliday e a Linguística Sistêmico-Funcional propõem, Fairclough pensa não em funções, mas em significados. Desta maneira, as funções ideacional, interpessoal e textual de Halliday configuram-se em significados textuais de ação, representação e identificação. Para ele tais significados proporcionam aos estudos da linguagem um caráter mais social do texto e se relacionam com os gêneros, discursos e estilo, respectivamente.

Para esta pesquisa ressalta-se a importância da análise de gênero textual, considerando a dialética do discurso (representação) interpretado por gêneros (modo de ação, significado acional) (p.29). Coaduno com Fairclough (2003) ao considerar os gêneros como intrinsecamente ligados às práticas sociais, sendo modificados por elas. Nas palavras de Resende e Ramalho:

Gêneros específicos são definidos pelas práticas sociais a eles relacionadas e pelas maneiras como tais práticas são articuladas, de tal modo que mudanças articulatórias em práticas sociais incluem mudanças nas formas de ação e interação. (RESENDE E RAMALHO, 2006, p.62)

Desta maneira, o surgimento de novas tecnologias de comunicação dá lugar a novos gêneros, ou seja, a novos modos de ação, e é isto que tenho como um de meus objetivos neste estudo: compreender e refletir sobre como, por meio do discurso e das práticas sociais, o MBL se configura, age em seu contexto e na sociedade brasileira, emergindo questões de identidade de seus participantes. Ressalto que o Movimento desenvolve suas práticas (se articula, se organiza, promove-se) por meio das redes sociais, portanto, utiliza-se intensamente das novas tecnologias de comunicação.

Os gêneros agem socialmente, por assim dizer, eles muitas vezes estabelecem relações de poder. Para Ângelo:

A linguagem e a apropriação dos vários gêneros produzidos na sociedade evidenciam ideologias subjacentes. A ADC mostra como estas ideologias influenciam nossos textos diários e nossas conversas, como entendemos o discurso, e como este está envolvido na reprodução da ideologia na sociedade. (2006, p.45)

Cabe ao analista de discurso buscar compreender tais relações, evidenciando suas lutas e contradições, empreendendo possíveis soluções e a superação de obstáculos.

Categorias de análise textual

A fim de responder às perguntas de pesquisa anteriormente apresentadas, foram selecionadas categorias linguístico-discursivas/semióticas em potencial. Para compreender a conjuntura social situada (política-histórica, espaço-temporal) que surge o MBL; quem são seus proponentes/integrantes e como esses atores se definem e se organizam como movimento em rede, no ciberespaço, referente à primeira questão de pesquisa, a análise da conjuntura e da prática particular esclarecidas no arcabouço teórico-metodológico de Chouliaraki e Fairclough (1999) são proveitosas para o entendimento de quais práticas sociais estão envolvidas e a relação da prática com outros momentos e discursos. Também a análise de representação de atores sociais será capaz de subsidiar as reflexões sobre como atores sociais são representados em textos, como “determinados atores, por exemplo, podem ter sua agência ofuscada ou enfatizada em representações” (Ramalho e Resende, 2006). Van Leeuwen (1997) contribui amplamente neste sentido, apresentando diversas formas de representação desses atores.

Para entender como são constituídas as inter-ações sociodiscursivas do MBL: por meio de que recursos, tecnologias e atividades; de que redes de inter-ação; de que gêneros discursivos; de que pessoas/relações sociais, será necessário analisar o gênero discursivo situado – estrutura genérica, macrogêneros, cadeias de gêneros e subgêneros, perguntando, segundo Fairclough (2003), se o texto situa-se em cadeias de gêneros, se mistura-se com outro gênero e quais gêneros articulam-se com ele. Outra análise fundamental para responder à segunda pergunta diz respeito a intertextualidade presente no texto, para Fairclough (2001) “é a propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos” (p. 114). Assim, será possível esclarecer como os textos e as ações sociodiscursivas do MBL articulam-se com outros textos e que implicações são geradas a partir disto. Pensando na plataforma onde os textos do MBL que serão analisados se encontram, a análise da informação visual, juntamente com as contribuições da Semiótica Social e da multimodalidade corroborarão na resposta à esta segunda pergunta, localizando os elementos da composição imagética como cor, enquadramento, posição, realce, e o que eles representam, explicitados principalmente na Gramática do *design* visual (KRESS; van LEEUWEN, 2006).

A terceira pergunta de pesquisa relaciona-se à estrutura propriamente dita dos textos em questão. Pretende responder como o MBL representa discursivamente o que é política, participação social, manifestação/mobilização, ativismo político, democracia, entre outros temas centrais para o movimento. Para isso, a análise da seleção lexical, ou seja, como o discurso foi “lexicalizado” para representar o mundo e suas práticas, neste caso, como, por meio do discurso, o MBL representa tais temas, considerando a lexicalização, a relexicalização e as metáforas, segundo Fairclough (2001). Para ele, “estruturas particulares das relações entre as palavras e das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia” (p.105). A análise da coesão textual revelará, de acordo com Fairclough (2001), como as orações são ligadas em frases e como as frases se configuram para formar unidades maiores. Pode dar-se por meio do uso de palavras do mesmo campo semântico, por repetição, sinônimos próximos, referência, substituição, conjunção etc. Ramalho e Resende (2006) ainda apontam três ligações lógico-semânticas propostas por Halliday (2004): elaboração, extensão e realce. Resende (2008) define as três relações como

Na elaboração, a oração que expande o significado expresso em uma outra provê uma maior caracterização da informação dada: reafirma, esclarece, refina, exemplifica, comenta. Na extensão, uma oração expande o significado de outra introduzindo algo novo por meio de adição, deslocamento ou alternativa. No realce, uma oração destaca o significado de outra, monta-lhe um cenário qualificando-a com característica circunstancial em

referência a tempo, espaço, modo, causa ou condição.
(RESENDE, 2008, p. 164)

A respeito da última questão de pesquisa que visa responder de que maneira o MBL, por meio das redes sociais e de suas práticas sociodiscursivas, constrói a(s) identidade(s) de seus participantes e dos/as agentes e setores da sociedade representados, as análises de avaliações e das metáforas visuais e verbais elucidarão as perspectivas do locutor sobre o mundo, sobre o que considera bom e ruim (FAIRCLOUGH, 2003, p.172), e como com base em nossas experiências, por meio de outros aspectos compreendemos o mundo e suas práticas. Neste sentido, Lakoff e Johnson (2002) e a Kress e van Leeuwen (2006) servirão de ancoragem teórica para as análises das metáforas tanto verbais como visuais.

127

Semiótica Social e Multimodalidade

A semiótica social, diferente da semiologia tradicional, considera fundamentalmente a escolha pessoal dos recursos semióticos, “desta forma, quem gera um signo escolhe o que considera ser a representação mais apropriada do que quer significar, ou seja, o interesse orienta a seleção dos atores sociais” (NATIVIDADE & PIMENTA, 2009, p.22). Concordando com a ideia de motivação do signo, a semiótica social se encaixa no referencial teórico deste trabalho, corroborando para a compreensão das escolhas feitas nos dados que pretendo analisar.

Em conjunto com a semiótica social, também recorrerei a multimodalidade como teoria capaz de subsidiar a análise do uso de recursos semióticos e a relação que determinadas escolhas criam para expressar um significado. Ao falarmos de multimodalidade não estamos mais falando apenas de fala e escrita, estamos nos referindo a múltiplas semioses, o texto multimodal deixa de ser linear e passa a ser não linear, adquire uma sintaxe visual e tal sintaxe precisa ser analisada, pois suas escolhas não são ingênuas, o produtor do texto faz seleções ideológicas sérias.

Referencial metodológico

Serão analisados nesta pesquisa os textos que convocam ou descrevem o MBL e que estão disponíveis nas Redes Sociais. Cabe ressaltar que tais textos são publicados em grupos públicos de livre acesso e na própria página do movimento, portanto, não é necessário que se faça uma solicitação de consentimento para a análise dos textos.

Para este estudo o método qualitativo de pesquisa documental é o que mais se adequa ao objetivo. Esse tipo de pesquisa “utiliza, como principal material empírico, dados de natureza formal, como textos midiático, jurídicos, oficiais, entre outros, cuja elaboração demanda competência de conhecimento especializado” (Resende & Ramalho, 2011, p. 93). Serão analisados os textos de caráter formal, porém também

será necessário a utilização do método etnográfico para compreender as práticas sociais envolvidas no movimento que busco analisar. Para Michael Genzuk (1993, *apud* Fino, s.d, p.5) a “etnografia é um método de olhar de muito perto, que se baseia em experiência pessoal e em participação, que envolve três formas de recolher dados: entrevistas, observação e documentos”. Dessa forma, entendo que serão necessárias entrevistas com os organizadores e participantes do movimento analisado para que sejam recolhidos dados que ajudem na conclusão da pesquisa, mostrando indicadores da percepção da construção de identidades nesses movimentos sociais, corroborando para as propostas de soluções e contribuições.

Como bem destacado no livro de Resende e Ramalho (2011, p.173) é necessário que primeiramente se defina claramente os pressupostos ontológicos, pois são eles que dizem sobre “concepções de mundo, ou da natureza da realidade”. Concomitantemente, questões epistemológicas e metodológicas devem estar bem claras.

Para a análise seguirei as sugestões de Fairclough (2001): análise das práticas discursivas, com destaque a intertextualidade e interdiscursividades; análise dos textos e a análise da prática social a qual o texto está inserido. Para a análise de imagens as contribuições de Kress e van Leeuwen (1996) e Hodge e Kress (1988) serão fundamentais para compreender as escolhas semióticas e suas implicações. Assim acredito que será possível analisar os dados de forma mais completa e abrangente.

Portanto, a metodologia a ser utilizada nesta pesquisa será de cunho qualitativo, de base documental em materiais empíricos, assim como também o uso da etnografia. A análise, dialogando sempre com a ADC, terá caráter interpretativo crítico pois um dos interesses da área é o papel do discurso nas mudanças sociais e suas várias implicações possíveis.

Netnografia: uma nova possibilidade

Apesar de estudos científicos realizados com este tipo de metodologia datarem do fim dos anos 80, no Brasil ainda são poucos os trabalhos que utilizam-se deste método, por isso: uma nova possibilidade.

A netnografia ou a etnografia virtual é um método de pesquisa bastante usado na comunicação, que amplia as possibilidades de análise para os analistas da comunicação e da cibercultura. A netnografia “leva em conta as práticas de consumo midiático, os processos de sociabilidade e os fenômenos comunicacionais que envolvem as representações do homem dentro de comunidades virtuais” (AMARAL et. al. 2008, p. 35).

Desta forma, a netnografia diferencia-se da etnografia principalmente em relação ao local de coleta de dados. Enquanto no método etnográfico o pesquisador-

participante precisa estar presente fisicamente no campo de coleta de dados e interagir face a face com o participante da pesquisa, na etnografia o campo muda para um “não-lugar”, o ciberespaço. “O/a etnógrafo/a se depara com múltiplas estruturas conceituais complexas, sobrepostas, interligadas, ao mesmo tempo irregulares, que precisam ser apreendidas e apresentadas.” (BRAGA, 2007, p. 4). Obviamente, pode-se questionar a participação do pesquisador, visto que *online* não são captadas expressões, entonações e detalhes da fala e da interação de um grupo. Porém, acredito que a netnografia combinada com outras metodologias é de real eficácia para os estudos que como este, contemplam as novas tecnologias e os novos meios de comunicação.

Sobre a importância da netnografia, Amaral et. al. complementam:

Uma etnografia virtual pode observar com detalhe as formas de experimentação do uso de uma tecnologia, se fortalecendo como método justamente por sua falta de receita, sendo um artefato e não um método protocolar, é uma metodologia inseparável do contexto onde se desenvolve, sendo considerada adaptativa. (AMARAL et. al. 2008, p.37)

Claramente, o uso da netnografia se apresenta como um obstáculo, visto que no Brasil pouco são os estudiosos da linguagem que adotaram este método em seus estudos, por este motivo, acredito que é ainda mais necessária e urgente sua utilização no âmbito não apenas da Comunicação Social, mas também da Linguística.

Portanto, essa metodologia se enquadra no propósito deste trabalho e poderá fornecer ajudar para a coleta de dados das redes sociais e do *site* do MBL. Além disso, como previsto na netnografia, poderá ser realizada uma observação participante por meio de fóruns e *chats* de conversas com os participantes do Movimentos e também com os organizadores.

Conclusões

O uso das Redes Sociais na sociedade em que vivemos torna-se cada vez mais intenso, presente em quase todos os momentos da vida do cidadão moderno, por isso é fundamental que novos estudos sejam feitos sobre essa nova tendência discursiva, considerando suas implicações para a pós-modernidade.

Este trabalho, apesar de ainda incipiente, pretende pensar na relação que a mídia digital exerce sobre as novas ações sociodiscursivas, em especial no Movimento Brasil Livre. Nota-se que os novos movimentos sociais em rede são articulados por meio de redes de pessoas, com objetivos em comum, conectadas às mais diversas mídias digitais. Assim, torna-se importante considerar as representações sociais neste novo local: o ciberespaço; analisando e refletindo sobre questões de identidade, poder e ideologias.

Referências

AMARAL Adriana, NATAL Geórgia, VIANA Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em Comunicação Digital. **Revista Famecos/ PUCRS**. Porto Alegre, nº 20, 2008. pp. 34-40

ÂNGELO, Alessandra Marques. **Gêneros discursivos e construção identitária em língua portuguesa**. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Linguística. 2006.

BRAGA, Adriana. Usos e consumo de meios digitais entre participantes de weblogs. Uma proposta metodológica. In: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação/ Compós. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho "Recepção, usos e consumo midiático," do XVI Encontro da Compós, na UTP, em Curitiba, PR, 2007.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança. Movimentos Sociais na era da internet**. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2013.

CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**. Textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FINO, Carlos Nogueira. *A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais*. Universidade de Madeira. S.D. Disponível em: <<http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf>>

GUEDES, Taís Morais. **As Redes Sociais - Facebook e Twitter- e suas influências nos Movimentos Sociais**. Outubro de 2013. 168 páginas. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 7 ed. Rio de Janeiro, 2003.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a crítica): o texto como material de pesquisa**. Coleção: Linguagem e Sociedade, v. 1. Campinas: Pontes Ed., 2011.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise do Discurso Crítica**. Editora Contexto, São Paulo. 2006.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Coleção Cibercultura. Porto Alegre, 2009.

NATIVIDADE, Cláudia; PIMENTA, Sônia. A Semiótica Social e a Multimodalidade. In: LIMA, C. PIMENTA, S. AZEVEDO, A. (Org). **Incursões Semióticas: Teoria e prática de Gramática Sistêmico-Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise Crítica do Discurso**. 1 ed. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009. p. 21-29

131

SCHERER-WARREN, Ilse. *Manifestações de Rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política*. In: **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 71, p. 417-429, Maio/Agosto 2014

SYLVESTRE, Ana Paula Melo. **O eu e o outro online. Discurso, Poder e Identidade nas Redes Sociais**. Maio de 2013. 156 páginas. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Linguística. 2013

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **Revista DELTA**, v.21, n.spe, p. 207-238, 2005.

WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: **Linguagem em (Dis)curso -LemD**, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 223-243, 2004.